

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA INTERPRETATIVA NAS PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO: DA TEORIA À APLICAÇÃO METODOLÓGICA

INTERPRETATIVE PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS IN MANAGEMENT RESEARCH: FROM THEORY TO METHODOLOGICAL APPLICATION

Lady Day Pereira de Souza¹

Mariane Lemos Lourenço²

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar a aplicação da Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI) em pesquisas de Administração e suas contribuições. Realizou-se uma revisão de literatura tipo Síntese narrativa textual baseada em 52 artigos empíricos da área, publicados entre 2013 e 2022, obtidos da base Scopus com filtro *Business, Management and Accounting*. Os resultados indicam que a AFI fortalece a pesquisa qualitativa em Administração, revelando percepções, significados, aspectos emocionais, cognitivos e afetivos em fenômenos organizacionais a partir da perspectiva dos envolvidos, como empreendedores, líderes, trabalhadores, mulheres, minorias e outros. A análise das experiências proporciona discussões relevantes que sustentam teorias emergentes ou aprofundam a compreensão de conceitos em teorias estabelecidas, contribuindo para aprimorar práticas, processos, políticas e diretrizes organizacionais. Este estudo oferece ainda uma síntese completa sobre a aplicação da AFI na Administração, enriquecendo a compreensão metodológica na área.

Palavras-chave: Análise Fenomenológica Interpretativa; AFI; Pesquisa Qualitativa; Administração.

Abstract: This study aims to analyze the application of Interpretative Phenomenological Analysis (IPA) in Management research and its contributions. A literature review of the Narrative Textual Synthesis type was conducted based on 52 empirical articles in the field published between 2013 and 2022, extracted from the Scopus database using the 'Business, Management and Accounting' filter. The findings indicate that IPA enhances qualitative research in Management by revealing perceptions, meanings, emotional, cognitive, and affective aspects in organizational phenomena from the perspectives of involved parties, such as entrepreneurs, leaders, workers, women, minorities, and others. The analysis of these experiences generates pertinent discussions that support emerging theories or deepen the understanding of concepts in established theories, contributing to enhancing organizational practices, processes, policies, and guidelines. Furthermore, this study offers a comprehensive synthesis of IPA's application in Management, enriching methodological comprehension in the field.

Keywords: Interpretative Phenomenological Analysis; IPA; Qualitative Research; Management.

1 Introdução

A pesquisa qualitativa abrange uma diversidade de técnicas interpretativas na busca de descrever, codificar, categorizar e revelar significados de fenômenos construídos e vividos no mundo social (CRANE; HENRIQUES; HUSTED, 2018). Geralmente os

¹Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: lady.souza@ifro.edu.br

² Doutora em Psicologia, Universidade de São Paulo (USP). Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: marianellourenco@ufpr.br

métodos qualitativos são possíveis por meio de coleta de dados com base em entrevistas semiestruturadas em profundidade, dinâmicas de grupos focais, acesso a dados de arquivos e do processo de observação dos participantes no fenômeno. Por meio dessas técnicas, os pesquisadores qualitativos usualmente constituem uma relação dialógica com os participantes de pesquisa dentro de uma dinâmica coletiva ou individual, focalizando os significados e sentidos de fenômenos organizacionais complexos (CABANA *et al.*, 2022). Dessa maneira, necessitam entender como utilizar estratégias que possibilitam uma compreensão mais profunda sobre fenômenos organizacionais, considerando o espaço, o tempo, o contexto e os elementos culturais (CRANE; HENRIQUES; HUSTED, 2018).

Nesse contexto, a abordagem qualitativa, especialmente, a pesquisa indutiva tem sido útil para avançar na compreensão de fenômenos com características difíceis de medir e deduzir teoricamente, e que envolvem aspectos contraditórios e dinâmicos (EISENHARDT; GRAEBNER; SONENSHEIN, 2016), como, por exemplo, os fenômenos em torno das dinâmicas das relações humanas, das tomadas de decisões, das emoções de indivíduos em diversos contextos sociais. Nesse aspecto, a Análise fenomenológica interpretativa (AFI), como abordagem mais alinhada com a perspectiva indutiva, visa compreender a experiência subjetiva dos indivíduos e interpretar os significados que eles atribuem aos fenômenos (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

No contexto dos fenômenos organizacionais, a AFI pode contribuir para uma melhor compreensão sobre como as pessoas vivenciam e dão sentido a eventos, relações e práticas dentro das organizações. Portanto, os estudos podem focar os sentimentos, percepções e interpretações dos indivíduos, bem como, a compreensão sobre como fatores sociais, culturais e históricos influenciam as experiências dos indivíduos nas organizações (GILL, 2015b). Assim, a AFI pode contribuir para identificar significados ocultos, que revelam aspectos implícitos ou não conscientes das experiências organizacionais, fornecendo *insights* práticos que informam a tomada de decisões, a gestão de pessoas, a cultura organizacional e o desenvolvimento de intervenções que promovam o bem-estar e o desempenho dos membros da organização.

Nesse estudo, analisa-se o uso da AFI como método originalmente radicado na área da Psicologia, porém aplicável às pesquisas qualitativas em Administração. O interesse nesse tema surgiu de um esforço de pesquisa em nível de doutorado na qual se propõe a compreender aspectos emocionais e comportamentais na gestão feminina nas organizações. Nesse trajeto de pesquisa, percebeu-se a escassez do uso da AFI nas

pesquisas de Administração, em especial no Brasil. Tal aspecto levou a necessidade de compreender mais sobre a aplicação do método na área de pesquisas em Administração, o que gerou esforços para investigar artigos que utilizam o método AFI no âmbito internacional. A questão que orienta este estudo é: Como a metodologia AFI vem sendo implementada nas pesquisas em Administração e quais são suas contribuições para área?

O objetivo é analisar aspectos da aplicação da AFI nas pesquisas em Administração e suas formas de contribuições para a área. De modo geral, para a aplicação do método é importante que os pesquisadores considerem o contexto das organizações como ambiente em que as experiências individuais são percebidas, por meio de respostas emocionais e processos cognitivos, sentidos de forma consciente ou inconsciente como expressão que influenciam e são influenciados por elementos organizacionais que impulsionam a ação e comportamento do indivíduo na organização (BARSADE; GIBSON, 2007; FINEMAN, 2000). Nesse sentido, as falas de indivíduos sobre as suas percepções se constituem em relatos da experiência ainda em estado bruto, que tendem a refletir os valores e formas de linguagem pertencentes à realidade da pessoa, e contribui para elucidar aspectos inerentes a emocionalidades e perspectivas variadas em diversos contextos organizacionais (FINEMAN, 2000).

Além dessa introdução, esta revisão de literatura está composta pelos principais fundamentos filosóficos da AFI e os aspectos gerais do uso do método em Administração. Em seguida, são informados os procedimentos que constituem o percurso metodológico, seguido pela discussão dos resultados que envolvem as principais abordagens e estratégias de utilização do método na área. Por fim, as principais contribuições do método nos estudos em Administração são fornecidas nas considerações finais.

2 Fundamentos filosóficos da AFI

A AFI é uma abordagem metodológica qualitativa essencialmente indutiva, comprometida com a investigação sobre como as pessoas dão sentido e significado as suas experiências de vida (RAJASINGHE, 2020). O método surgiu no campo da Psicologia como forma de capturar, além do experimental, o aspecto experiencial e qualitativo das vivências do indivíduo. Seu primeiro registro ocorreu na publicação na área de Psicologia e Saúde de Jonathan Smith em 1996. Desde então, o método é bastante utilizado na Europa, com expressividade no Reino Unido (LARKIN; WATTS; CLIFTON, 2006; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009), e, embora sua aplicação em

pesquisas na área de gestão, negócios e empreendedorismo tenha se expandido significativamente pelo mundo (WILLIAMS *et al.*, 2021), ainda é subutilizada em países como o Brasil (STADLER; ALBERTON; SMITH, 2022). As pesquisas sobre as percepções de experiências situadas em fenômenos específicos podem se beneficiar da AFI, como método e estratégia de análise dos dados nos estudos aplicados as organizações em seus diversos contextos.

O método é influenciado por importantes fundamentos teóricos, como Fenomenologia, Hermenêutica e Idiografia (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). A Fenomenologia, fundada por Husserl, apresenta o enfoque na investigação da experiência na forma em que ela ocorre, pelos próprios termos de quem a vivencia. O método Husserliano descreve a sequência de algumas reduções, cada uma fornecendo uma lente para pensar sobre o fenômeno estudado, sendo as mais importantes para a AFI a ‘redução eidética’ e a ‘redução transcendental’. A primeira envolve estratégias que verificam as variações de entendimento entrelaçadas na percepção subjetiva das manifestações individuais sobre determinado objeto. Esse processo tem o objetivo de identificar as características essenciais do objeto. Já, a ‘redução transcendental’ estabelece um esforço em olhar para a natureza da consciência por si mesma, o que admite ao indivíduo a consciência de qualquer coisa (FARIA, 2022; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

As bases metodológicas do método fenomenológico de Husserl foram precursoras, porém, por vezes, consideradas teóricas. Dessa forma, os estudos de outros fenomenólogos como Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre contribuem para estabelecer elementos práticos para o método fenomenológico utilizado na AFI (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

As principais concepções de Heidegger para a Fenomenologia, estabelecem o afastamento da perspectiva transcendental de Husserl, e enfatizam a perspectiva hermenêutica e a existencial. Assim, ele ancora o termo *Daisen*, com o entendimento de que o ‘ser está aí’ no mundo. O termo está imbuído da compreensão de que as pessoas estão situadas em dado contexto experienciando as realidades do mundo da vida (GILL, 2015b; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). As ideias filosóficas fenomenológicas heideggerianas para a AFI centram-se na concepção de que as pessoas estão incondicionalmente num mundo de objetos, relações e linguagem; e na compreensão de que o mundo da vida sempre está ‘sob perspectiva de algo’, ou ‘em relação a algo’, o que é estabelecido dentro de marcos temporais e contextuais (GILL, 2015b; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

Merleau-Ponty descreve a natureza encarnada de indivíduos corporais e sua relação com o mundo, situado no mundo. Nesse aspecto, a percepção sobre o "outro" se constrói a partir da experiência do indivíduo como corpo. Desse modo, a AFI assume a visão fenomenológica em Merleau-Ponty de que a experiência do corpo contribui na construção do caráter essencial do conhecimento de cada um sobre o mundo vivido (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

A perspectiva de Sartre para a AFI está na concepção sobre como as pessoas estão envolvidas em projetos no mundo dentro de uma dinâmica processual, na qual o indivíduo está sempre se tornando ele mesmo (LARKIN; WATTS; CLIFTON, 2006; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). Dessa maneira, o mundo não é inerente somente a pessoa, pois a percepção do mundo é moldada em interação com a presença de outros indivíduos e seus projetos (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

Os aspectos das concepções fenomenológicas de Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre são incorporados na AFI com a perspectiva e entendimento de que a experiência se desenrola num processo vivido, que a pessoa estabelece, continuamente, perspectivas e significados relativos ao ser encarnado e situado no mundo (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). Portanto, tais ênfases são complementares para análise da experiência do indivíduo, já que em seus relatos podem ser expressados elementos vividos e sentidos de formas cognitiva, afetiva, existencial e encarnada, ou seja, sentido no corpo (BRADLEY-COLE, 2021; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

O segundo fundamento da AFI é a Hermenêutica que se desenvolve como base filosófica para a interpretação de textos, documentos históricos e obras literárias. Porém, aliada a Fenomenologia, a hermenêutica assume um envolvimento interpretativo com a captura de sentido reveladas nas práticas vividas por meio de relatos transcritos (BRADLEY-COLE, 2021; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

O terceiro fundamento da AFI é a perspectiva Idiográfica que se preocupa com o particular. Isso justifica a orientação para se estudar um pequeno tamanho amostral de pessoas com vivência significativa no fenômeno estudado (GILL, 2015b; HAND *et al.*, 2022; LARKIN; WATTS; CLIFTON, 2006). Assim, a AFI possui uma perspectiva detalhista, pois centra-se no compromisso com a profundidade da análise. Além disso, preocupa-se em compreender o fenômeno – seja um evento, processo ou relação – a partir da perspectiva de pessoas que vivenciam um contexto particular similar (LARKIN; WATTS; CLIFTON, 2006; SANDARDOS; CHAMBERS, 2019).

O método AFI assume a abordagem epistemológica fenomenológica interpretativista e ontológica relacional, relativista e não dual (GILL, 2015b; SANDARDOS; CHAMBERS, 2019; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). É considerado fenomenológico pois se orienta pela experiência da pessoa sobre o fenômeno na forma em que ocorre, e pela percepção de quem a vivencia; é interpretativista pois os pesquisadores interpretam as informações da consciência dos participantes acessadas por meio das entrevistas, para descrever e analisar os sentidos e significados de suas experiências e percepções; é relacional e relativista, pois considera que o compartilhamento de visão de mundo entre as pessoas impacta a vivência das experiências e a percepção sobre elas próprias; é não dualista, porque o sujeito (pessoas) e objeto (fenômeno) são considerados como integrados e iterativos na descrição e análise do fenômeno. Tais concepções são importantes para clareza e tomada de autoconsciência do pesquisador no processo de análise dos relatos dos participantes.

2.1 Tópicos gerais da AFI nos estudos em organizações

A experiência vivenciada pelo indivíduo nas organizações constitui um objeto tradicional da perspectiva fenomenológica, a qual está relacionada ao que é experimentado no mundo da vida cotidiana (GILL, 2015b). O foco humanístico nas experiências vivenciadas no mundo percebido pelo indivíduo, pode revelar importantes entendimentos sobre a conexão entre as experiências emocionais e as dinâmicas de fenômenos vividos nas organizações. Segundo Gill (2015b), a AFI aplicada aos estudos qualitativos nas organizações, segue ao menos cinco aspectos importantes para o processo de pesquisa.

O primeiro aspecto é a intencionalidade, compreendido como o processo em que o indivíduo vivencia e elabora a consciência sobre as emoções articuladas em suas experiências organizacionais. O segundo aspecto é experiência individual que se refere a natureza relacional imbricada no contexto da experiência (GILL, 2015b). Nesse sentido, entende-se que o indivíduo se encontra o tempo todo comprometido com sua atuação no mundo, de modo que as emoções dão relevo às suas experiências individuais nas organizações.

O terceiro aspecto é o ‘mundo da vida’, o qual refere-se à relação inseparável entre o indivíduo e o mundo, por meio de uma perspectiva única de experimento, sendo que cada indivíduo experimenta o mundo de forma única (GILL, 2015b). Assim, tem como

foco entender como os participantes experimentam, dão sentido e percebem-se no contexto organizacional (ARSLAN *et al.*, 2022). O quarto aspecto refere-se ao ‘ciclo hermenêutico’, sendo este o movimento dialético no processo interpretativo realizado pelo pesquisador no ato de analisar as experiências relatadas e transcritas (GILL, 2015b; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

Por fim, a ‘dupla hermenêutica’ é o quinto aspecto, no qual entende-se que a análise das experiências relatadas passa pelo filtro subjetivo da visão de mundo dos pesquisadores (GILL, 2015b; LARKIN; WATTS; CLIFTON, 2006). A subjetividade dos participantes da pesquisa em interação com a subjetividade dos pesquisadores cria uma intersecção intersubjetiva, pela qual pode ser construída novos conhecimentos (CABANA *et al.*, 2022; FARIA, 2022). Nesse aspecto, o fato dos participantes darem sentido a uma experiência, significa uma primeira ordem hermenêutica, sobre a qual o pesquisador elabora sua própria interpretação, sendo essa ação de segunda ordem na perspectiva hermenêutica (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

3 Procedimentos metodológicos

Este artigo está elaborado sob uma síntese narrativa textual proposta por Xiao e Watson (2019) na qual pretende-se integrar o conhecimento alcançado por meio da revisão de literatura de artigos da área da Administração que utilizaram a AFI como método (ROUSSEAU; MANNING; DENYER, 2008; XIAO; WATSON, 2019). Para a revisão dos artigos utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) que está baseada em três momentos: a pré-análise, a análise descritiva das codificações e o tratamento dos resultados.

Na pré-análise identificou-se sete codificações sobre a aplicação da AFI contidos nos artigos: Aspectos descritivos dos artigos analisados, Caracterizações e etapas da pesquisa na aplicação da AFI, Caracterização e seleção de participantes, Processo de coleta de dados, Estratégia de análise, Aspectos de confiabilidade e credibilidade do método e Resultados possíveis do processo de análise. No segundo momento, realizou-se a análise descritiva, identificando a aproximação e distinção das abordagens adotadas no uso do método AFI em cada artigo. Na etapa do tratamento dos resultados, estabeleceu-se uma síntese narrativa dos principais elementos contidos nos procedimentos metodológicos analisados, além de análises e reflexões, conforme apresentado no item quatro deste artigo.

3.1 Processo de seleção e critério de inclusão dos artigos

A seleção dos artigos foi realizada em janeiro de 2023, elegendo apenas estudos dos últimos 10 anos (2013 a 2022) que descrevem a utilização do método AFI no contexto empírico de investigações na área de Administração. No banco de dados da Scopus, pesquisou-se o termo '*Interpretative Phenomenological Analysis*' no título, nas palavras-chaves ou no resumo da produção. Para refinar a pesquisa usou-se como filtros, artigos vinculados a subárea '*Business, Management and Accounting*', considerando somente pesquisas em inglês.

A opção por utilizar um único banco de dados contribui para a garantia da clareza, da replicabilidade do processo de coleta, além de evitar redundâncias e sobreposições dos dados (HAMARI; KERONEN, 2017; PARÉ *et al.*, 2015). Nesse sentido, o banco de dados Scopus fornece acesso a dados confiáveis, robustos e variados (WANG; HAN; BEYNON-DAVIES, 2019), pois reúne os conteúdos de outros bancos de dados potencialmente relevantes como *Institute of Electrical and Electronics Engineers (IEEE)*, *Electronic Library*, *Springer*, *Association for Information Systems (AIS)*, *Computer Science Bibliography* (WARMELINK *et al.*, 2020). Portanto, além de ser uma base amplamente utilizada em pesquisas acadêmicas, apresenta a particularidade de reunir uma gama de publicações na área das Ciências Sociais Aplicadas (MACKE; GENARI, 2019; PASCA *et al.*, 2021).

A busca bibliográfica resultou em 161 artigos científicos, cujas informações foram organizadas em uma planilha com os seguintes dados: autor, título, periódico, H-index, ano, citação, objetivo, tipo de estudo e técnicas de coleta. A partir daí, aplicou-se a análise dos critérios de inclusão. O estabelecimento de critérios de inclusão contribui na validação da escolha dos textos como dados primários, que foram analisados com base no propósito do artigo, assim, é um elemento que caracteriza o rigor do estudo (XIAO; WATSON, 2019).

De acordo com o objetivo, as pesquisadoras definiram como critério de inclusão a identificação de estudos empíricos, que utilizam da AFI em pesquisas que discutem fenômenos, teorias e contribuições para a área da Administração. Por isso, estudos embasados em desenvolvimento teórico e prático de outras áreas do conhecimento foram considerados fora do escopo. Essa avaliação foi realizada pelas pesquisadoras durante a análise dos títulos, resumos, palavras-chave e área de atuação dos autores dos artigos. O final desta etapa de análises resultou em 94 artigos excluídos por discutirem temas e

teorias de outras áreas do conhecimento, como Psicologia, Educação, Turismo, Religião, Sociologia, Moda, entre outros. Desse modo, após o refinamento, 67 estudos foram selecionados para análise do texto completo. Nesse processo, não foi possível analisar 15 artigos pela falta de acesso ao texto. A leitura dos 52 estudos restantes permitiu o processo de revisão dos textos e a coleta de informações para análise.

4 Resultados e discussões

4.1 Aspectos descritivos dos artigos analisados

Ao avaliar os dados gerais dos artigos analisados, verificou-se que a pesquisa em Administração com uso da AFI apresenta uma tendência de crescimento por parte dos pesquisadores, como evidenciado na Tabela 1. Em particular, isso pode demonstrar o interesse dos pesquisadores em compreender fenômenos organizacionais específicos, individuais, microfundamentais e pouco pesquisados na academia. Segundo Rajasinghe (2020), a abordagem qualitativa mais indutiva identificada no processo da AFI, contribui para investigação de teorias emergentes, elementos subjetivos presentes nas organizações e fenômenos organizacionais pouco explorados.

Tabela 1: Dados gerais sobre quantidade de produções com metodologia AFI por ano e classificação dos periódicos de publicação.

Ano	Quantidade	H-Index* das revistas que publicaram
2022	13	134, 106, 65, 64, 55, 29, 27, 25, 20, 19, 12, 3,0
2021	8	208, 142, 93, 80, 49, 23, 20, 19
2020	7	98, 77, 49, 48, 23, 21, 17
2019	6	75, 25, 24, 23, 17, 17
2018	4	86, 55, 33, 17
2017	6	161, 87, 83, 34, 20, 20
2016	2	55, 23
2015	6	120, 104, 74, 71, 37, 29
2013 e 2014	0	-

* O H-Index dos periódicos foi consultado no site www.scimagojr.com durante o mês de janeiro/2023.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

As informações da Tabela 1 indicam que as teorias e/ou fenômenos organizacionais estudados pelos autores despertam interesse por parte das avaliações de pares em revistas científicas bem-conceituadas, conforme o Scimago Journal Rank. Entretanto, vale destacar que a distribuição de artigos publicados abrange uma ampla variedade de periódicos, não gerando dados expressivos que possam demonstrar quais periódicos apresentam maior aceitabilidade de pesquisas com uso do método AFI.

A escolha da AFI como método privilegia a compreensão do fenômeno organizacional a partir da percepção do indivíduo sobre sua experiência no contexto organizacional (GILL, 2015b). Assim, no Quadro 1 são identificados os grupos de participantes da pesquisa apresentados nos artigos analisados.

Quadro 1: Grupo de indivíduos participantes da pesquisa nos artigos analisados.

Grupo de sujeitos investigados	Autores
Clientes	Dutt e Selstad (2022), Lucas et. al. (2021).
Empreendedores	Williams et. al. (2021), Van Rensburg e Ogujiuba (2020), Panda (2020), Hagos, Izak e Scott (2019), Lane e Lee (2018), Dias e Teixeira (2017), Lewis (2015).
Funcionários	Sadangharn (2022), Shim, Dik e Banning (2022), Berber e Acar (2021), Onimisi <i>et al.</i> , (2019), Landells e Albrecht (2017), Medhurst e Albrecht (2016), Karassvidou e Glaveli (2015).
Gerentes intermediários	Sengupta, Mittal e Sanchita (2022), Okoli, Watt e Weller (2022), Jayawardena-Willis, Pio e Mcghee (2021), Imronudin e Hussain (2020), Larsson e Viitaoja (2017).
Líderes	Arslan et.al. (2022), Lindley (2022), Hand <i>et al.</i> (2022), Bradley-Cole (2021), Van der Walt e Van Coller-Peter (2020), Hemmer e Elliff, (2020), Andrews (2017), Jit, Sharma e Kawatra (2016).
Membros de Equipe	Müller e Jedličková, (2020), Moldjord e Iversen (2015).
Mulheres	Summers, Davis e Kosovac (2022), Diekmann (2022), Panday e Sharma (2022), Kaur (2022), Van Rensburg e Kanayo (2021), Parlak, Cakiroglu e Gul (2021), Hennekam <i>et al.</i> , (2019), Gardner e Holloway (2019), Quiambao e Reyes (2019), Katre (2018), Guihen (2017), Miguel <i>et al.</i> (2015).
Profissionais de áreas específicas	Bryce (2022), Lapalme, Kabiwa e Tardif (2019), Babu e Kinkhabwala (2019), Nanduri (2018), Evenstad (2018), Ahn, Dik e Hornback (2017), Peltonen (2015), Gill (2015a).
Sucessor de empresa familiar	Hidayati <i>et al.</i> , (2020).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

No Quadro 1, observa-se a diversidade de grupos de participantes de pesquisa imersos nos fenômenos organizacionais, os quais informaram suas percepções sobre suas experiências. Por exemplo, ao examinar o papel das mulheres nas organizações, os pesquisadores abordam a forma como elas percebem diferentes aspectos: a sua capacidade de progredir nas empresas enquanto mulheres negras (SUMMERS; DAVIS; KOSOVAC, 2022), suas carreiras quando auto identificadas como feministas (DIEKMANN, 2022), o empreendedorismo em zonas rurais (PANDAY; SHARMA, 2022), as armadilhas percebidas do egoísmo no empreendedorismo (VAN RENSBURG; KANAYO, 2021), entre outros tópicos. Na investigação acerca de líderes, os pesquisadores examinam a percepção desse grupo em relação a: diferenças geracionais (ARSLAN *et al.*, 2022), promoção do próprio bem-estar (LINDLEY, 2022), consciência de sua integridade (VAN DER WALT; VAN COLLER-PETER, 2020), liderança em tempos de crise (HEMMER; ELLIFF, 2020).

Quando os textos abordam a perspectiva dos funcionários nas organizações, os pesquisadores tendem a analisar fenômenos organizacionais, como: aceitação de robôs como colegas de trabalho (SADANGHARN, 2022), percepção sobre o trabalho significativo (SHIM; DIK; BANNING, 2022), construção do próprio poder dos funcionários no trabalho (BERBER; ACAR, 2021), implementação de políticas institucionais (LANDELLS; ALBRECHT, 2017; ONIMISI *et al.*, 2019) entre outros aspectos.

Após uma análise abrangente dos artigos, observou-se que o emprego da AFI no âmbito da Administração direciona seu enfoque para a investigação no nível do indivíduo, revelando, assim, a percepção individual em relação ao fenômeno organizacional vivenciado. Nessa perspectiva, as principais contribuições do método para a Administração revelam-se por meio da possibilidade de realizar uma análise profunda da relação estabelecida entre os indivíduos, o ambiente organizacional e o contexto da sua atuação no trabalho. Isso permite gerar compreensões teórico-práticas que partem do individual para o coletivo. Contribui, em especial, para estudos cujo campo empírico focaliza situações organizacionais complexas e pouco conhecidas pela literatura, nas quais interagem elementos internalizados e externalizados pelos indivíduos ou entre eles.

Portanto, a análise dos artigos estudados revela que o método demonstra eficiência na identificação de elementos relacionados ao comportamento, a atitude, a afetividade e a emocionalidade, todos situados no nível micro-organizacional. Simultaneamente, esses elementos, integram e dão sentido ao contexto macro-organizacional. Essa conclusão encontra respaldo na literatura, conforme indicado por Gill (2015b). Dessa maneira, a AFI pode ser considerada como ferramenta útil nos estudos em Administração para explorar com profundidade a percepção de identidades específicas ou perfis profissionais que, na prática da sua atuação, por vezes podem se entrelaçar com a essência da organização, como por exemplo: empreendedores, líderes, CEO's, agentes públicos, profissionais liberais, profissionais de classe, *influencers*, entre outros.

4.2 Caracterizações e etapas da pesquisa em Administração na aplicação da AFI

A AFI preocupa-se com o exame detalhado e multifacetado da experiência pessoal, expressa em seus próprios termos por meio de um processo interpretativo da realidade vivida (GUIHEN, 2017). Assim, o método permite a análise da experiência subjetiva de “alguém” com a convicção de que esta é também a experiência subjetiva de

"alguma coisa" (BRADLEY-COLE, 2021). Nesse sentido, os textos analisados consideram a experiência como uma estrutura que fornece duas perspectivas interligadas e interdependentes, as quais também são evidenciadas por Larkin, Watts e Clifton (2006). A primeira refere-se a uma perspectiva externa, representada pela questão: Como o indivíduo compreende a experiência considerando o contexto externo e aparente vivenciado? E a segunda, concentra-se em uma perspectiva interna: Como o indivíduo compreende a experiência em seus próprios termos, ou seja, em relação a si mesmo?

Desse modo, no Quadro 2, apresenta-se a caracterização do método AFI nos estudos de Administração, conforme artigos analisados:

Quadro 2: Caracterização do método da AFI na área da Administração com base nos artigos analisados.

Elementos do método	Caracterização da pesquisa na AFI
O que pesquisar?	As formas como o sujeito participante da pesquisa experiencia um fenômeno específico em variados contextos organizacionais.
Por que pesquisar?	Evidenciar as variadas percepções, emoções, sentimentos, sentidos e entendimentos sobre a experiência vivenciada pelo indivíduo em contextos específicos.
Objetivo do método	Descrever, analisar e interpretar as experiências vividas e interpretadas pelo participante da pesquisa.
Unidade de análise	A percepção ou interpretação dos participantes pesquisados sobre as experiências vividas dentro do contexto do fenômeno organizacional estudado.
Onde pesquisar?	Situação ou fenômeno específico que resulta em vivência empírica dentro do ambiente organizacional – sejam eles, departamento, profissão, identidade, comunidade, entre outros.
Quem pesquisar?	Sujeitos imersos nos fenômenos contextualizados nas organizações, sendo que estes podem ser considerados como especialistas em sua própria experiência.
Como realizar?	Analisar as transcrições dos relatos dos participantes da pesquisa, com foco em investigar as percepções diferentes e semelhantes, e posteriormente analisar os dados e categorizar, de forma descritiva e analítica, à medida que revelam significados ocultos, aspectos implícitos ou não conscientes das experiências organizacionais dos indivíduos.

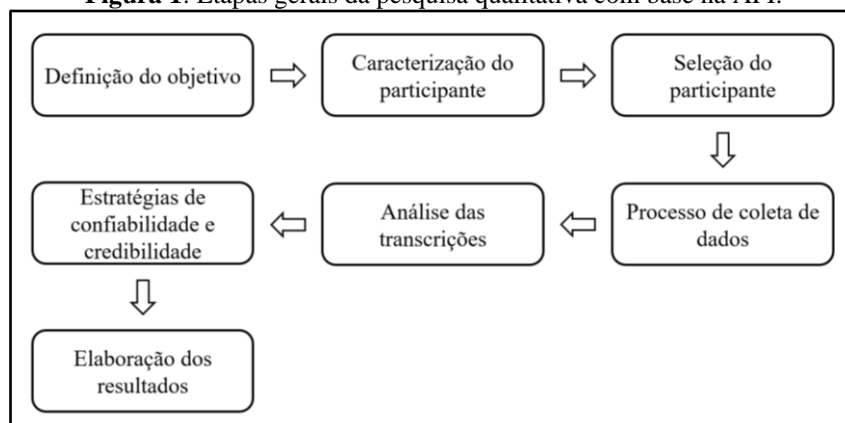
Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

A análise dos artigos selecionados revela que os aspectos da caracterização da AFI no estudo dos fenômenos organizacionais possuem o potencial de aprofundar a compreensão sobre como as pessoas experimentam e atribuem significado aos eventos, conexões, relações e práticas dentro das organizações (BRYCE *et al.*, 2022; SADANGHARN, 2022; SENGUPTA; MITTAL; SANCHITA, 2022; SHIM; DIK; BANNING, 2022). Portanto, os estudos em Administração sob a lente da AFI, concentram-se no aprofundamento de análises voltadas para o nível do indivíduo, por meio das percepções, emoções e sentimentos oriundos das interpretações pessoais do sujeito sobre sua experiência na organização, e, entrelaçados por contextos sociais, culturais e históricos vivenciados (JIT; SHARMA; KAWATRA, 2016; KARASSVIDOU; GLAVELI, 2015; MIGUEL *et al.*, 2015; PELTONEN, 2015).

Nesse contexto, a literatura informa que a AFI fundamenta-se em dois aspectos da experiência do sujeito: “o quê” e “como” (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). O aspecto ‘o quê’ pode ser considerado um elemento referencial acerca daquilo que está no foco do sujeito, ou seja, enfoca os ‘objetos de preocupação’ no mundo do participante. Isso pode ser exemplificado em uma pesquisa sobre lideranças em contexto de crise pela questão: ‘O que é ser um líder na crise?’ O aspecto ‘como’ é um elemento estrutural pelo qual o sujeito resgata suas experiências. Assim, o foco recai sobre as ‘reivindicações experienciais’ que contribuem na construção dos significados por meio do relato fenomenológico. Um exemplo que ilustra esse aspecto é a pergunta: ‘Como você percebe que vivencia a liderança durante a crise?’.

Na análise dos artigos selecionados, identificou-se que a maioria deles apresentam uma descrição sucinta do método AFI, seguindo um percurso metodológico da pesquisa qualitativa básica, conforme demonstrado na Figura 1.

Figura 1: Etapas gerais da pesquisa qualitativa com base na AFI.



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos artigos analisados, (2023).

As etapas apresentadas na Figura 1 são discutidas nos próximos tópicos de forma a criar uma síntese que possa orientar a aplicação da AFI por parte dos pesquisadores que atuam na área da Administração. Cada etapa que constitui o método possibilita a exploração de fenômenos complexos e pontuais com sujeitos, por meio de sua percepção, vivência e interpretação das experiências dentro das organizações (LARKIN; WATTS; CLIFTON, 2006).

4.3 Caracterização e seleção de participantes de pesquisa na AFI

A literatura indica que os estudos da AFI são geralmente conduzidos com pequenas amostras homogêneas de participantes, para os quais a questão de pesquisa se

torna significativa (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). Isso ocorre porque o foco original do método é analisar detalhadamente as percepções e compreensões de participantes com características semelhantes em determinados aspectos, que experienciam o mesmo fenômeno (LARKIN; WATTS; CLIFTON, 2006; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). Desse modo, o método visa, sobretudo, representar perspectivas sobre o fenômeno, pois a ênfase está em ter dados suficientemente ricos e profundos, destacando a importância da qualidade sobre a quantidade (GILL, 2015b).

Nos artigos analisados verificam-se algumas estratégias utilizadas pelos pesquisadores para seleção de participantes. Dias e Teixeira (2017), por exemplo, afirmam que é relevante a seleção de participantes significantes para a investigação sobre um determinado fenômeno, os quais apresentem características e perfis semelhantes, como condições demográficas, socioeconômicas e outros. Hand *et al.* (2022) informam algumas estratégias de seleção, afirmando que a significância do participante para pesquisa pode ser avaliada por diferentes critérios, tais como o tempo de experiência no contexto do fenômeno estudado, o reconhecimento de uma posição significativa, as condições de envolvimento com o fenômeno, a vivência singular em um contexto ou evento, além de outros elementos característicos em organizações.

De acordo com os autores, esses critérios tendem a proporcionar uma maior segurança em relação à homogeneidade entre os participantes selecionados. Dessa forma, busca-se assegurar que a qualidade dos padrões emergentes de significado seja representativa e possua relevância mais abrangente na análise do fenômeno (DIAS; TEIXEIRA, 2017; HAND *et al.*, 2022).

No estudo de Shim, Dik e Banning (2022), os pesquisadores empregaram uma sequência de três técnicas de amostragem para selecionar trabalhadores em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Na primeira técnica, denominada ‘amostragem de construção operacional’, seleciona-se o público que atende os critérios característicos da população escolhida. Na segunda técnica, chamada de ‘amostragem de variação máxima’, selecionam-se participantes com características diferentes do critério do estudo para diversificar a amostra do contexto. Por fim, a técnica de ‘amostragem por bola de neve’, é utilizada para identificar participantes elegíveis adicionais, principalmente quando a população é de difícil alcance (SHIM; DIK; BANNING, 2022). O uso de diversas abordagens para selecionar os participantes pode apoiar o método AFI na escolha de público consciente de sua atuação no mundo, sendo capaz de expressar suas percepções e sentimentos no contexto do fenômeno em estudo.

Em outro estudo sobre fatores psicossociais que afetam profissionais na área da sustentabilidade, Andrews (2017) definiu os critérios situacionais visando à seleção homogênea de participantes. Baseada nesses critérios, a autora desenvolveu um questionário e divulgou o *link* em variados canais de comunicação. A pesquisa *online* abrangeu questões relacionadas à estrutura organizacional, papel, motivação e outros elementos pessoais. O uso do questionário, neste caso, auxiliou na seleção homogênea de indivíduos, proporcionando maior profundidade às entrevistas e análises acerca do fenômeno em estudo.

4.4 Processo de coleta de dados na AFI

Os artigos analisados indicam que a entrevista tem sido a principal forma de coleta de dados na AFI. O tipo de entrevista identificado nos artigos varia entre entrevistas semiestruturadas (24 artigos), entrevistas em profundidade (12 artigos), entrevistas simples (10 artigos), entrevistas estruturadas e entrevista com grupo focal (2 artigos cada), entrevista não estruturada e texto escrito reflexivo (1 artigo cada). As entrevistas semiestruturadas são realizadas por meio de um ‘roteiro de entrevista’, o qual orienta a condução do relato, ao mesmo tempo em que proporciona considerável flexibilidade aos participantes para determinar a direção da conversa a cada pergunta (JIT; SHARMA; KAWATRA, 2016). As entrevistas em profundidade são caracterizadas por destinar um período de fala prolongado ao participante de pesquisa, podendo variar de 60 a 120 minutos (MIGUEL *et al.*, 2015; MOLDJORD; IVERSEN, 2015).

A literatura aponta que os instrumentos de coleta de dados adicionais, tais como os documentos institucionais, a observação indireta no local de trabalho, e a manutenção de diário ou caderno de campo, podem ser muito relevantes para o registro de informações pertinentes ao método AFI (GILL, 2015b; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). Sendo assim, é viável combinar outras estratégias de coleta na AFI, as quais promovem a triangulação das informações acessadas por diferentes fontes.

Entre os artigos analisados, constatou-se que poucos estudos utilizaram outros instrumentos de coleta, associados a entrevista. Williams *et al.* (2021), ao investigarem a transição do papel de empreendedor para empreendedor-empregador, utilizaram no processo de coleta de dados a entrevista, aliada ao uso de Lego como ferramenta de pesquisa social. O método visual e criativo tem sido utilizado como forma de ampliar o acesso a significados que não são facilmente acessíveis por meio da linguagem falada.

Isso pode permitir que os métodos fenomenológicos interpretativos alcancem o mundo do indivíduo com maior profundidade. Entretanto, essa é uma estratégia que exige habilidades de participantes e dos pesquisadores para estabelecer a comunicação e compreensão necessárias no processo (WILLIAMS *et al.*, 2021).

As análises na AFI, também podem resultar de ‘histórias experienciais’, no formato de histórias contadas. Por exemplo, em seu estudo, Bradley-Cole (2021) solicitou aos participantes que refletissem sobre suas carreiras e identificassem os estilos de líderes com os quais haviam trabalhado. Por meio dessa abordagem, os participantes foram estimulados a contar histórias que forneceram significado e compreensão sobre a liderança autêntica. No seu artigo, Berber & Acar (2021) utilizaram um caso em formato de RPG, no qual os participantes foram incentivados a argumentar sobre situações relacionadas à criação de poder nas organizações. Dessa forma, os pesquisadores dispuseram de outros elementos perceptivos para embasar a análise dos dados na AFI.

4.5 Estratégias de análise dos dados na AFI

A análise dos relatos transcritos na AFI é uma questão crítica para conferir robustez à pesquisa qualitativa. Assim, é necessário demonstrar rigor e realizar uma articulação cuidadosa na interpretação dos dados (MOLDJORD; IVERSEN, 2015). Os procedimentos da AFI na análise dos relatos fornecem direcionamentos sobre sequências e cuidados, visando aumentar a confiabilidade do processo interpretativo (PARLAK; CAKIROGLU; GUL, 2021). Os procedimentos de análise demonstraram similaridade em todos os estudos, sendo que em alguns foram descritos de forma mais detalhada do que em outros. Portanto, no Quadro 3, é apresentada uma sugestão de estratégias para a análise e interpretação dos dados na AFI.

Quadro 3: Estratégia da análise e interpretação dos dados na AFI com base nos artigos analisados.

1. Aproximação: Realização de leitura cuidadosa de cada transcrição para ter noção do significado;
2. Imersão nos significados: Identificação de descrições e comentários potencialmente significativos;
3. Criação de sentido: Trabalho com descrições e comentários para propor temas subordinados emergentes;
Recomenda-se repetir as 3 etapas acima com cada transcrição para promover a imersão;
4. Agrupamento de temas: Identificação de temas emergentes por similaridade e/ou discrepância entre as transcrições;
5. Reconhecimento de associação: Incorporação de temas emergentes e listas de subtemas relacionados;
6. Interpretação e representação: Utilização da escrita para interpretar e representar os temas identificados e comunicar os resultados;
7. Explicação e abstração: Identificação de trechos das transcrições para ilustrar e explicar cada tema.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

A leitura repetida da entrevista transcrita possibilita a apreciação completa da história e a recordação dos momentos abordados na entrevista. Isso permite resgatar elementos cognitivos e afetivos, aumentando a intimidade do pesquisador com o relato (LEWIS, 2015; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009; VAN RENSBURG; KANAYO, 2021). Durante as repetições das leituras a imersão ocorre por meio de análise textual livre, na qual serão identificados os trechos potencialmente significativos. Neste processo, o pesquisador pode elaborar anotações reflexivas, descrições e comentários sobre as questões identificadas com relação ao tema principal, além de permitir a identificação de temas emergentes (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

Por meio dessa dinâmica, a criação de sentido resulta na identificação de unidades de sentido, as quais são posteriormente agrupadas por significados comuns. O processo de organização das informações na AFI pode ser apoiado pelo uso dos *softwares* de análise qualitativa, tais como o Nvivo e o Atlas ti. Essas ferramentas facilitam o agrupamento e a fragmentação de relatos extensos que resultam de entrevistas densas. Isso foi evidenciado nos estudos de Bradley-Cole, (2021), Lucas *et al.*, (2021), Panday & Sharma, (2022), Parlak, Cakiroglu, Gul, (2021), Peltonen, (2015).

O método da AFI não é prescritivo; ele permite o aprofundamento individual e flexível no processo de compreensão de um fenômeno (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). Nesse processo, recomenda-se adotar a abordagem indutiva fenomenológica, na qual as proposições de interpretação emergirão dos dados, a princípio sem a utilização da literatura (KAUR, 2022). Na última etapa de análise, recomenda-se a articulação profunda dos achados com a literatura, permitindo produzir processos de explicação e/ou abstração teórica (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

4.6 Aspectos de confiabilidade e credibilidade da AFI

De maneira geral, os artigos analisados apresentam estratégias relevantes para promover a confiabilidade e credibilidade no percurso da utilização da AFI. No seu artigo, Lapalme, Kabiwa e Tardif (2019) escolheram apresentar quatro critérios básicos essenciais do método AFI como elementos de confiabilidade e credibilidade. O primeiro critério, baseia-se no trabalho seminal de Smith, Flowers e Larkin (2009), o qual enfoca as perspectivas fenomenológica, hermenêutica e idiográfica, e se concentra na interpretação da experiência do sujeito e em casos particulares. O segundo elemento refere-se aos processos de transparência do estudo. O terceiro relaciona-se com a

consistência e relevância dos resultados da análise para a área da Administração. Por último, o quarto elemento indica que os temas exemplificados por trechos devem apresentar uma densidade analítica.

Outra estratégia de confirmabilidade no método AFI configura-se no envio das entrevistas transcritas aos participantes da pesquisa, concedendo-lhes a oportunidade de examiná-las. A prática do *feedback* tem o intuito de ratificar, corrigir ou acrescentar elementos que auxiliam no entendimento do relato. Esse processo proporciona clareza às informações, intensificando a proximidade do pesquisador com o relato do entrevistado, o que contribuir para a validade e a credibilidade dos dados (VAN DER WALT; VAN COLLER-PETER, 2020; VAN RENSBURG; KANAYO, 2021).

A triangulação de pesquisadores consiste em uma estratégia que privilegia a articulação e definição dos significados e categorias fundamentais que emergem das experiências estudadas, além de mitigar as chances de ocorrência de vieses (MEDHURST; ALBRECHT, 2016; VAN RENSBURG; KANAYO, 2021). Essa estratégia pode ser implementada por meio de reuniões entre os pesquisadores envolvidos no estudo, avaliação por pesquisadores externos ou ainda por meio da colaboração de auditoria de pesquisadores (AHN; DIK; HORNBACK, 2017).

Para que isso ocorra, a trilha de auditoria aliada ao diário de campo são instrumentos importantes, pelos quais é possível registrar as variadas atividades da pesquisa, como a transcrição, os *insights* surgidos nas etapas de análise e as observações gerais de todo o processo (DIEKMANN, 2022). Tais registros podem auxiliar na atividade de auditoria, pois, com esse material, os auditores podem conduzir suas revisões de maneira independente, de forma a conferir os temas emergentes selecionados, bem como avaliar a sistematização e transparência dos processos (SHIM; DIK; BANNING, 2022).

Para assegurar a confiabilidade no processo da AFI, foi identificada, nos artigos analisados, a triangulação dos dados provenientes de diversas fontes. Essas fontes incluem anotações de observação sobre a atuação do participante no contexto do fenômeno, análise de documentos institucionais, relatórios de desempenho, entre outros (ONIMISI *et al.*, 2019). Esses procedimentos visam fornecer para o pesquisador a possibilidade de acrescentar informações diferenciadas sobre o mesmo fenômeno, de forma a aprofundar seu entendimento sobre o sentido e significados surgidos nos relatos dos participantes.

Na literatura sobre a AFI, Rajasinghe (2020) destaca a reflexividade como um elemento relevante para transparência e plausibilidade da interpretação nesse método. A reflexividade ocorre quando o pesquisador compartilha algum aspecto semelhante à experiência dos participantes (BERGER, 2015). Neste sentido, os pesquisadores podem apontar aspectos de reflexividade que indicam familiaridade com aspectos identitários dos participantes, tais como a vivência similar por serem do mesmo gênero, as experiências compartilhadas por trabalharem em instituições similares, ou as experiências partilhadas ao atuarem em profissões equivalentes, entre outros. Informar sobre a reflexividade de gênero, institucional, profissional ou de outra natureza, pode auxiliar os pesquisadores tanto no acesso aos participantes quanto na condução das entrevistas, já que por vezes, os entrevistados podem sentir-se compreendidos em sua explanação.

Nos artigos analisados, a reflexividade é abordada de maneiras singulares. No estudo de Parlak, Cakiroglu, Gul (2021), as autoras incorporaram o tópico ‘Posicionamento da pesquisadora’ na descrição da metodologia do artigo final. Esse tópico teve o intuito de apresentar o perfil das pesquisadoras, bem como o contexto em que atuam e as perspectivas profissionais e pessoais que alimentam o interesse delas pelo fenômeno estudado. Essa estratégia também foi evidenciada no estudo de Lane e Lee (2018), no qual eles discorrem sobre suas experiências profissionais. A partir dessas análises, percebe-se que esses esclarecimentos realizados pelos pesquisadores sobre si mesmos e sua visão de mundo tornam-se em elementos aprazíveis para o leitor, pois permite que este compreenda os elementos da atuação dos pesquisadores na vida, e alguns aspectos de sua subjetividade.

Esse posicionamento auxilia a entender as perspectivas nas quais a prática da dupla hermenêutica se baseia, reconhecendo as lentes de interpretação do pesquisador em sua análise sobre os relatos de experiências dos participantes da pesquisa (GILL, 2015b). No entanto, devido à subjetividade que permeia todo o processo de aplicação da AFI, é necessário que os pesquisadores assumam a responsabilidade de desenvolver a autoconsciência durante a escuta interativa e ao longo do processo de exame das interpretações fornecidas voluntariamente pelos entrevistados (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). Portanto, de modo geral, a prática da autoconsciência pelo pesquisador tende a contribuir para a imparcialidade e discernimento, posturas e essenciais para honrar as informações disponibilizadas pelos participantes da pesquisa no meio acadêmico (CABANA *et al.*, 2022).

4.7 Resultados possíveis do processo de análise da AFI

Essencialmente, a AFI, enquanto método de pesquisa qualitativa, não tem a intenção de realizar ‘generalizações estatísticas’ ou estabelecer ‘verdades objetivas’. Em outras palavras, dela não se pretende extrair leis e nem resultados passíveis de aplicação em contextos não investigados (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). Nos textos analisados, identifica-se que os resultados desse processo metodológico são frequentemente apresentados sob a forma de abstrações, tais como categorias descritivas e/ou temas analíticos, acompanhados de trechos significantes das falas transcritas dos participantes (AHN; DIK; HORNBACK, 2017). A elaboração de categorias descritivas e analíticas constitui em um esforço para criar entendimentos em um nível coletivo sobre o fenômeno. Esses entendimentos podem emergir da identificação de aspectos convergentes e/ou divergentes relacionados ao fenômeno vivenciado e ao seu contexto (STADLER; ALBERTON; SMITH, 2022).

Nesse sentido, o pesquisador tem a possibilidade de identificar reflexões sobre os elementos que se apresentam como relevantes nos relatos dos participantes da pesquisa por meio do uso da linguagem, metáforas, pausas, contradições, gestos físicos, estado emocional. Esses formatos contribuem para a identificação de *clusters*, os quais são geralmente nomeados pelos pesquisadores que utilizam a AFI como ‘temas gerais’ e seus respectivos ‘subtemas’ (LANDELLS; ALBRECHT, 2017). Os ‘temas’ representam a captura da essência do significado do fenômeno estudado (MEDHURST; ALBRECHT, 2016; VAN RENSBURG; KANAYO, 2021).

Outra maneira de se chegar aos resultados é privilegiando os temas emergidos na sequência do relato dos participantes. Essa prática permite aprofundar a análise das falas individuais (RAJASINGHE, 2020). No estudo de Berber e Acar (2021), por exemplo, entre os relatos dos participantes da pesquisa, os autores decidiram aprofundar dois casos individuais interessantes, além de conduzir discussões sobre os temas gerais e coletivos. Os autores esclarecem que essa escolha no procedimento metodológico proporciona condições para uma ampliação minuciosa da explicação sobre como esses indivíduos se identificaram como detentores do poder no contexto organizacional, dentro do fenômeno estudado.

O uso de metáforas para apresentar os achados pode estar associado aos temas emergidos nas análises. No seu estudo, Andrews (2017) emprega, além dos temas, metáforas para evidenciar os quadros cognitivos que têm efeitos sobre o modo como as

pessoas pensam e agem no contexto do trabalho na área da sustentabilidade. Assim, a metáfora no método AFI pode ser o resultado de uma análise minuciosa do microdiscurso dos participantes, sendo identificada nos relatos transcritos por meio de frases e palavras. A metáfora pode ser considerada como uma compreensão cognitiva do participante em relação a algum aspecto significativo da investigação (ANDREWS, 2017).

Independente da forma escolhida para apresentar os resultados – seja por meio de Temas, Metáforas ou Casos individuais – é relevante que todas essas categorias descritivas e analíticas sejam validadas com trechos significativos dos relatos transcritos dos participantes. Entende-se que essa prática também funciona como uma forma de confirmar os temas que emergiram das análises no relatório final da pesquisa.

5 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar as estratégias da aplicação e formas de contribuição da AFI nas pesquisas em Administração. Assim, elaborou-se uma revisão de literatura por meio de síntese narrativa, utilizando artigos científicos que aplicaram a AFI, com o intuito de fornecer orientações aos pesquisadores sobre o método. No entanto, conforme Smith, Flowers e Larkin (2009), é importante reforçar que as diretrizes básicas e as estratégias metodológicas da AFI consistem em sugestões para analisar materiais qualitativos. Dessa forma, os pesquisadores são incentivados a inovar no processo de aplicação desse método.

Considera-se que o objetivo foi alcançado durante a apresentação dos resultados e discussão, por meio da explanação dos desdobramentos metodológicos da AFI, nos quais foram abordadas as técnicas de seleção de participantes, as formas de coletas de dados e as estratégias de confiabilidade e credibilidade do método. Usualmente, a AFI é um método que considera o participante de pesquisa como um especialista em sua própria experiência, pois esta é construída com base na percepção e consciência do sujeito sobre o fenômeno vivido. Portanto, trata-se de um método considerado adequado para analisar as perspectivas individuais que fundamentam as concepções sobre os fenômenos e contextos organizacionais, podendo fornecer subsídios para repensar teorias, conhecimentos e explicações científicas. Com o foco no particular, o método centra-se nos elementos cognitivos e emocionais do indivíduo, uma vez que a sua interpretação molda as percepções e significados sobre a realidade cultural, social e organizacional na qual está inserido.

5.1 Contribuição da AFI para os estudos na área da Administração

De modo geral, as investigações científicas na área da Administração seguem fortes tradições quantitativas, sendo escassos os estudos qualitativos, principalmente aqueles com características mais indutivas, como a AFI. No Brasil, essa dinâmica acadêmica nas pesquisas em Administração parece mais acentuada. Portanto, a utilização desse método nas pesquisas em organizações pode contribuir na compreensão dos fenômenos, partindo da percepção individual em direção ao coletivo. Nesse sentido, o método revela as percepções e significados das experiências organizacionais de diferentes perfis profissionais, tais como o empreendedor, líderes e trabalhadores. Além disso, possibilita a compreensão da construção identitária dos indivíduos envolvidos na organização.

Desse modo, a AFI permite acessar detalhes ricos advindos do particular, os quais ajudam a compreender os fenômenos construídos no coletivo; assim, esses detalhes podem iluminar elementos do mundo e da vida comuns a outras pessoas e organizações. O método possui o potencial de ser utilizado como ferramenta direcionada para integrar diversas percepções emancipatórias nas dinâmicas organizacionais que sustentam inovações práticas e políticas.

Portanto, trata-se de um método útil para analisar as interações afetivas, abrangendo emoções, sentimentos e percepções, possibilitando a identificação dos elementos impulsionadores na tomada de decisão, no relacionamento interpessoal, no comportamento e nos significados construídos diante de eventos e fenômenos nas organizações. Apresenta, ainda, a vantagem de estudar o indivíduo tanto no momento presente como ao longo do tempo, pois no processo da entrevista, os relatos são carregados de elementos do passado, que constitui a trajetória de vida até o presente.

5.2 Contribuições práticas

A partir da compreensão de que o indivíduo nas organizações reflete sobre as situações vivenciadas e elabora mecanismos e recursos internos, este artigo evidencia que a AFI oferece estratégias para investigar os elementos cognitivos, emocionais e simbólicos que podem contribuir na articulação de teorias e práticas nos estudos organizacionais. Portanto, as contribuições práticas deste artigo consistem na disposição de informações sobre o método, bem como sobre os fenômenos e os sujeitos que podem

ser estudados sob a lente da AFI, como alternativa para que os pesquisadores ampliem seus estudos na área da Administração.

O resultado dessa análise de conteúdo evidencia as caracterizações e etapas da aplicação da AFI, conforme apresentado no Quadro 2 e Figura 1, e a identificação das estratégias de análise e interpretação da AFI, conforme indicado no Quadro 3. Além disso, o estudo evidencia os sujeitos que podem ser investigados, conforme Quadro 1, e discute algumas estratégias para selecionar amostras homogêneas de participantes de pesquisa.

Este estudo identifica a entrevista semiestruturada como a principal forma de coleta de dados do método AFI, e vislumbra a possibilidade de combinar a utilização de outras técnicas de coleta para incrementar o percurso da análise. O artigo fornece uma análise sobre elementos essenciais para estabelecer a confiabilidade e credibilidade no processo de aplicação do método, incluindo os formatos de *feedback* individuais ou em grupo, direcionados aos participantes da pesquisa, a importância da realização de auditoria de pesquisadores, a possibilidade de realizar a triangulação de dados e a relevância de esclarecer a reflexividade dos pesquisadores. Além disso, o artigo orienta sobre os possíveis resultados do processo de análise da AFI em diferentes formatos, temas, metáforas ou casos individuais, os quais contribuem para aprofundar as discussões teóricas e práticas em Administração.

A aplicação do método possibilita repensar as práticas, processos, políticas ou diretrizes organizacionais. O método privilegia e aprofunda o entendimento sobre motivadores, desafios e fatores complexos da trajetória e da identidade dos sujeitos nas organizações, e sobre práticas, processos e eventos vivenciados coletivamente no ambiente organizacional. Nesse contexto, pode fornecer *insights* elementares para outras explicações científicas já elaboradas em torno do fenômeno organizacional.

Para pesquisas futuras, sugere-se realização de revisões de literatura a fim de identificar o potencial da AFI em interação com outros métodos de pesquisa. No âmbito da Administração, recomenda-se que pesquisadores investiguem as perspectivas individuais, na Administração Pública, nas Políticas Públicas, e em disciplinas normalmente quantitativas como Marketing, Estratégia, Finanças, entre outras, de forma a fornecer *insights* significativos que enriqueçam esses diversos campos de conhecimento.

Referências

- AHN, J.; DIK, B. J.; HORNBACK, R. The experience of career change driven by a sense of calling: An Interpretative Phenomenological Analysis approach. **Journal of Vocational Behavior**, Berkeley, US, v. 102, s/n, p. 48-62, out. 2017.
- ANDREWS, N. Psychosocial factors influencing the experience of sustainability professionals. **Sustainability Accounting, Management and Policy Journal**, v. 8, n. 4, p. 445-469, 4 set. 2017.
- ARSLAN, A. AHOKANGAS, P. HAAPANEN, L. GOLGECI, I. TARBA, S. Y. BAZEL-SHOHAM, O. Generational differences in organizational leaders: an interpretive phenomenological analysis of work meaningfulness in the Nordic high-tech organizations. **Technological Forecasting and Social Change**, Berkeley, US, v. 180, s/n, p. 121717, jul. 2022.
- BABU, V.; KINKHABWALA, B. Was an untapped “skilling” opportunity ignored? **Worldwide Hospitality and Tourism Themes**, v. 11, n. 1, p. 37-53, 11 fev. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.
- BARSADE, S. G.; GIBSON, D. E. Why Does Affect Matter in Organizations? **Academy of Management Perspectives**, Briarcliff Manor, US, v. 21, n. 1, p. 36-59, fev. 2007.
- BERBER, A.; ACAR, A. G. Power crafting at work: A phenomenological study on individual differences. **Human Relations**, London, UK, v. 74, n. 11, p. 1889-1915, nov. 2021.
- BERGER, R. Now I see it, now I don't: researcher's position and reflexivity in qualitative research. **Qualitative Research**, Cardiff, UK, v. 15, n. 2, p. 219-234, 2015.
- BRADLEY-COLE, K. Friend or fiend? An interpretative phenomenological analysis of moral and relational orientation in authentic leadership. **Leadership**, Thousand Oaks, US, v. 17, n. 4, p. 401-420, ago. 2021.
- BRYCE, I. BECCARIA, G. MCILVEEN, P. PREEZ, J. Reauthoring: The lived experience of cumulative harm and its influence on career choice. **Australian Journal of Career Development**, Camberwell, AU, v. 31, n. 2, p. 93-107, jul. 2022.
- CABANA, R. DEL P. L. PEREIRA, J. A. GOUVÊA, J. B. AVELHAN, B. L. REINERT-DO-NASCIMENTO, M. Dilemas sobre a ética na pesquisa qualitativa: discussões e implicações para a área da administração. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 10, n. 24, p. 233-252, set. 2022.
- CRANE, A.; HENRIQUES, I.; HUSTED, B. W. Quants and Poets: Advancing Methods and Methodologies in Business and Society Research. **Business and Society**, Thousand Oaks, US, v. 57, n. 1, p. 3-25, jul, 2018.
- DIAS, A.; TEIXEIRA, A. A. C. The anatomy of business failure. **European Journal of Management and Business Economics**, Bingley, UK, v. 26, n. 1, p. 2-20, jul. 2017.
- DIEKMANN, K. Nevertheless, she persisted: Feminist women overcoming career adversity through communities of support. **Journal of Employment Counseling**, Norfolk, US, v. 59, n. 4, p. 189-204, jun. 2022.

- DUTT, B.; SELSTAD, L. The wellness modification of yoga in Norway. **International Journal of Spa and Wellness**, New York, US, v. 5, n. 1, p. 33-49, jan. 2022.
- EISENHARDT, K. M.; GRAEBNER, M. E.; SONENSHEIN, S. Grand Challenges and Inductive Methods: Rigor without Rigor Mortis. **Academy of Management Journal**, Briarcliff Manor, US, v. 59, n. 4, p. 1113-1123, ago. 2016.
- EVENSTAD, S. B. N. The virtuous circle of ephemeralization and the vicious circle of stress: A systemic perspective on ICT worker burnout. **Futures**, Lincoln, UK, v. 103, s/n, p. 61-72, out. 2018.
- FARIA, J. H. DE. **Introdução à epistemologia: Dimensões do ato epistemológico**. São Paulo: Paco Editorial, 2022.
- FINEMAN, S. **Emotion in organizations**. 2. ed. London: Sage, 2000.
- GARDNER, P. K.; HOLLOWAY, M. Organizations need ethical leaders: how to attract and nurture cultural creatives into positions of leadership and influence. **Development and Learning in Organizations: An International Journal**, Bingley, UK, v. 33, n. 5, p. 8-11, set. 2019.
- GILL, M. J. Elite identity and status anxiety: An interpretative phenomenological analysis of management consultants. **Organization**, Nijmegen, NL, v. 22, n. 3, p. 306-325, maio. 2015a.
- GILL, M. J. A Phenomenology of Feeling: Examining the Experience of Emotion in Organizations. **Research on Emotion in Organizations**. Bingley, UK. Emerald Group Publishing Limited, v. 11, s/n, p. 29-50. 2015b.
- GUIHEN, L. The two faces of secondary headship. **Management in Education**, Thousand Oaks, US, v. 31, n. 2, p. 69-74, abr. 2017.
- HAGOS, S.; IZAK, M.; SCOTT, J. M. Objective institutionalized barriers and subjective performance factors of new migrant entrepreneurs. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, Bingley, UK, v. 25, n. 5, p. 842-858, ago. 2019.
- HAMARI, J.; KERONEN, L. Why do people buy virtual goods: A meta-analysis. **Computers in Human Behavior**, Amsterdã, NL, v. 71, s/n, p. 59-69, jun. 2017.
- HAND, K. MURPHY, R. MACLACHLAN, M. CARR, S. C. Worlds Apart? – The Challenges of Aligning Brand Value for NGO's. **International Review on Public and Nonprofit Marketing**, Cham, CH, v. 19, s/n, p. 575-598, out. 2022.
- HEMMER, L.; ELLIFF, D. S. Leaders in action: The experiences of seven Texas superintendents before, during, and after Hurricane Harvey. **Educational Management Administration & Leadership**, Coventry, UK, v. 48, n. 6, p. 964-985, nov. 2020.
- HENNEKAM, S. MACARTHUR, S. BENNETT, D. HOPE, C. GOH, T. Women composers' use of online communities of practice to build and support their careers. **Personnel Review**, Bingley, UK, v. 49, n. 1, p. 215-230, set. 2019.
- HIDAYATI, A. HERMAWAN, A. SOEHADI, A. W. HARTOYO. Intra-family succession insights: the presence of millennial cohort successors. **Journal of Family Business Management**, Bingley, UK, v. 11, n. 1, p. 107-135, jun. 2020.
- IMRONUDIN; HUSSAIN, J. G. Sustainable Supply Chain Finance Process in Delivering

Financing for SMEs: The Case of Indonesia. **International Journal of Supply Chain Management**, London, UK, v. 9, n. 4, p. 867-878, Aug. 2020.

JAYAWARDENA-WILLIS, T. S.; PIO, E.; MCGHEE, P. The Divine States (brahmaviharas) in Managerial Ethical Decision-Making in Organisations in Sri Lanka: An Interpretative Phenomenological Analysis. **Journal of Business Ethics**, Heidelberg, DE, v. 168, n. 1, p. 151-171, jan. 2021.

JIT, R.; SHARMA, C. S.; KAWATRA, M. Servant leadership and conflict resolution: a qualitative study. **International Journal of Conflict Management**, El paso, US, v. 27, n. 4, p. 591-612, out. 2016.

KARASSVIDOU, E.; GLAVELI, N. Work-family balance through border theory lens: the case of a company “driving in the fast lane”. **Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal**, Bingley, UK, v. 34, n. 1, p. 84-97, fev. 2015.

KATRE, A. Facilitating affective experiences to stimulate women’s entrepreneurship in rural India. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, Dundalk, IE, v. 10, n. 3, p. 270-288, out. 2018.

KAUR, S. Gendered Impact of the COVID-19: Insights from an Interpretative Phenomenological Perspective. **Vikalpa: The Journal for Decision Makers**, Ahmedabad Gujarat, IN, v. 47, n. 2, p. 91-105, jun. 2022.

LANDELLS, E. M.; ALBRECHT, S. L. The Positives and Negatives of Organizational Politics: A Qualitative Study. **Journal of Business and Psychology**, New York, US, v. 32, n. 1, p. 41-58, fev. 2017.

LANE, A.; LEE, D. L. Career Transitions of Highly Skilled Immigrants: Two Case Studies. **The Career Development Quarterly**, Beech Circle Broken Arrow, US, v. 66, n. 4, p. 315-328, dez. 2018.

LAPALME, J.; KABIWA, V.; TARDIF, P.-M. Relationship between information technology auditors and auditees and their impacts on auditors. **International Journal of Engineering Business Management**, Thousand Oaks, US, v. 11, s/n, p. 1-16, jan. 2019.

LARKIN, M.; WATTS, S.; CLIFTON, E. Giving voice and making sense in interpretative phenomenological analysis. **Qualitative Research in Psychology**, Abingdon, UK, v. 3, n. 2, p. 102-120, jan. 2006.

LARSSON, A.; VIITAOJA, Y. Building customer loyalty in digital banking. **International Journal of Bank Marketing**, New York, US, v. 35, n. 6, p. 858-877, set. 2017.

LEWIS, K. V. Enacting Entrepreneurship and Leadership: A Longitudinal Exploration of Gendered Identity Work. **Journal of Small Business Management**, Hoboken, US, v. 53, n. 3, p. 662-682, jul. 2015.

LINDLEY, L. Exploring how educational leaders in England experience and promote their own well-being. **Management in Education**, Thousand Oaks, US, v. 36, n. 4, p. 167-173, out. 2022.

LUCAS, M. R. AYRES, S. M. P. M. SANTOS, N. R. DIONÍSIO, A. Consumer experiences and values in Brazilian Northeast shopping centers. **Innovative Marketing**, Sumy, UA, v. 17, n. 3, p. 1-16, jul. 2021.

MACKE, J.; GENARI, D. Systematic literature review on sustainable human resource

management. **Journal of Cleaner Production**, Amsterdã, NL, v. 208, s/n, p. 806-815, jan, 2019.

MEDHURST, A. R.; ALBRECHT, S. L. Salesperson work engagement and flow. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, Halifax, CA, v. 11, n. 1, p. 22-45, mar. 2016.

MIGUEL, M. S. LIZASO, I. LARRANAGA, M. ARROSPIDE, J. J. Women bus drivers and organizational change. **Journal of Organizational Change Management**, Bingley, UK, v. 28, n. 1, p. 117-133, fev. 2015.

MOLDJORD, C.; IVERSEN, A. Developing vulnerability trust in temporary high performance teams. **Team Performance Management**, Cluj-Napoca, RO, v. 21, n. 5/6, p. 231-246, ago. 2015.

MÜLLER, M.; JEDLIČKOVÁ, L. Several Notes on the Existential Hermeneutic Phenomenology for Project Management and Possibilities of Its Extension by Other Existential Concepts: Case Study From the Research Project Team. **Project Management Journal**, Wallingford, US, v. 51, n. 4, p. 452-463, ago. 2020.

NANDURI, V. S. How the participants experienced a coaching intervention conducted during company restructure and retrenchment: a qualitative research study using interpretative phenomenological analysis. **Coaching: An International Journal of Theory, Research and Practice**, London, UK, v. 11, n. 2, p. 144-154, jul. 2018.

OKOLI, J. O.; WATT, J.; WELLER, G. A naturalistic decision-making approach to managing non-routine fire incidents: evidence from expert firefighters. **Journal of Risk Research**, London, UK, v. 25, n. 2, p. 198-217, fev. 2022.

ONIMISI, T. SAMSU, K. H. K. ISMAIL, M. M. bin. NOR, M. binti W. M. Implementation of Federal Character Policy in Nigeria Civil Service. **International Journal of Recent Technology and Engineering**, Bhopal, IN, v. 8, n. 2S9, p. 570-577, nov. 2019.

PANDA, D. K. The dynamics of business ecosystem identity. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, Halifax, CA, v. 15, n. 3, p. 235-256, ago. 2020.

PANDAY, P.; SHARMA, P. Motivational factors and challenges of women entrepreneurship: insights from rural Uttarakhand. **Organizational psychology**, Moscow, RU, v. 12, n. 2, p. 56-66, 2022.

PARÉ, G. TRUDEL, M. C. JAANA, M, KITSIOU, S. Synthesizing information systems knowledge: A typology of literature reviews. **Information & Management**, Amsterdã, NL, v. 52, n. 2, p. 183-199, mar. 2015.

PARLAK, S.; CAKIROGLU, O. C.; GUL, F. O. Gender roles during COVID-19 pandemic: The experiences of Turkish female academics. **Gender, Work & Organization**, Hoboken, US, v. 28, s/n, p. 461-483, jul. 2021.

PASCA, M. G. RENZI, M. F. PIETRO L. D. MUGION, R. G. Gamification in tourism and hospitality research in the era of digital platforms: a systematic literature review. **Journal of Service Theory and Practice**, Bingley, UK, v. 31, n. 5, p. 691-737, ago. 2021.

PELTONEN, K. How can teachers' entrepreneurial competences be developed? A collaborative learning perspective. **Education + Training**, Belfast, UK, v. 57, n. 5, p. 492-511, jul. 2015.

QUIAMBAO, D. T.; REYES, J. C. Exploring the Challenges and Success of Women Entrepreneurs in Pampanga Philippines. **Academy of Entrepreneurship Journal**, London, UK, v. 25, n. 2S, 2019.

RAJASINGHE, D. Interpretative phenomenological analysis (IPA) as a coaching research methodology. **Coaching: An International Journal of Theory, Research and Practice**, London, UK, v. 13, n. 2, p. 176-190, jul. 2020.

ROUSSEAU, D. M.; MANNING, J.; DENYER, D. Evidence in Management and Organizational Science: Assembling the Field's Full Weight of Scientific Knowledge Through Syntheses. **Academy of Management Annals**, Briarcliff Manor, US, v. 2, n. 1, p. 475-515, jan. 2008.

SADANGHARN, P. Acceptance of robots as co-workers: Hotel employees' perspective. **International Journal of Engineering Business Management**, Thousand Oaks, US, v. 14, s/n, p. 184797902211136, jan. 2022.

SANDARDOS, S. S.; CHAMBERS, T. P. "It's not about sport, it's about you": An interpretative phenomenological analysis of mentoring elite athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdã, NL, v. 43, p. 144-154, jul. 2019.

SENGUPTA, A.; MITTAL, S.; SANCHITA, K. How do mid-level managers experience data science disruptions? An in-depth inquiry through interpretative phenomenological analysis (IPA). **Management Decision**, Galveston, US, v. 60, n. 2, p. 320-343, fev. 2022.

SHIM, Y.; DIK, B. J.; BANNING, J. H. Experiencing Meaningful Work as a Lower Socioeconomic Status Worker: An Interpretative Phenomenological Analysis. **Journal of Career Assessment**, Thousand Oaks, US, v. 30, n. 4, p. 697-718, nov. 2022.

SMITH, J. A.; FLOWERS, P.; LARKIN, M. **Interpretative Phenomenological Analysis: Theory, Method and Research**. London: Sage. 2009.

STADLER, A.; ALBERTON, A.; SMITH, A. M. J. Entrepreneurship education in Brazil: Brazilian and Scottish approaches to policy and provision in vocational education. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, Whitewater, US, v. 29, n. 4, p. 645-662, jul. 2022.

SUMMERS, L. M.; DAVIS, T.; KOSOVAC, B. Hair we grow again: Upward mobility, career compromise, and natural hair bias in the workplace. **The Career Development Quarterly**, Beech Circle Broken Arrow, US, v. 70, n. 3, p. 202-214, set. 2022.

VAN DER WALT, L.; VAN COLLER-PETER, S. Coaching for development of leaders' awareness of integrity: An evidence-based approach. **South African Journal of Business Management**, Cape Town, ZA, v. 51, n. 1, p. 1-10, out. 2020.

VAN RENSBURG, N.; KANAYO, O. Egotism and female managerial performance in South Africa: Evidence from SMEs in the agricultural sector. **Cogent Business & Management**, Abingdon, UK, v. 8, n. 1, p. 1-18, jan. 2021.

VAN RENSBURG, N.; OGUJIUBA, K. Effect of mind-power ability among achieving entrepreneurs in South Africa. **Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies**, Stamford, US, v. 12, n. 4, p. 475-493, fev. 2020.

WANG, Y.; HAN, J. H.; BEYNON-DAVIES, P. Understanding blockchain technology for future supply chains: a systematic literature review and research agenda. **Supply Chain**

Management: An International Journal, London, UK, v. 24, n. 1, p. 62-84, jan. 2019.

WARMELINK, H. KOIVISTO, J. MAYER, I. VESA, M. HAMARI, J. Gamification of production and logistics operations: Status quo and future directions. **Journal of Business Research**, Georgia, US, v. 106, s/n, p. 331-340, jan. 2020.

WILLIAMS, H. C. PRITCHARD, K. MILLER, M. C. REED, C. Climbing to freedom on an impossible staircase: Exploring the emancipatory potential of becoming an entrepreneur-employer. **International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship**, Thousand Oaks, US, v. 39, n. 5, p. 424-449, ago. 2021.

XIAO, Y.; WATSON, M. Guidance on Conducting a Systematic Literature Review. **Journal of Planning Education and Research**, Newark, US, v. 39, n. 1, p. 93-112, mar. 2019.

Recebido em: 09 de maio de 2023.

Aceito em: 20 de julho de 2023.